

# NOTÍCIAS DA LANCHÇA

ORGÃO INFORMATIVO DA CONSTRUÇÃO DA LANCHÇA POVEIRA DO ALTO

## POR FIM, O MESTRE DÁ A ORDEM DE "BOTA ABAIXO"

"Os tripulantes vão todos, de manhã cedo, postar-se junto à proa do barco. Olhos no firmamento vão discutindo para onde correm as nuvens, qual é o vento, o tempo provável a fazer, o local onde deu o rabisco da sardinha antes do rebôjo do tempo que os obrigou a ficar em terra, todo o pró e contra que lhes pode vir da sua saída para o mar num tempo incerto.

Muitas vezes estas discussões travam-se nos Fieiros, lugares por eles destinados para observarem o tempo e o mar. São, no geral, certas esquinas dos prédios mais perto do mar e onde faz abrigo do vento Norte.

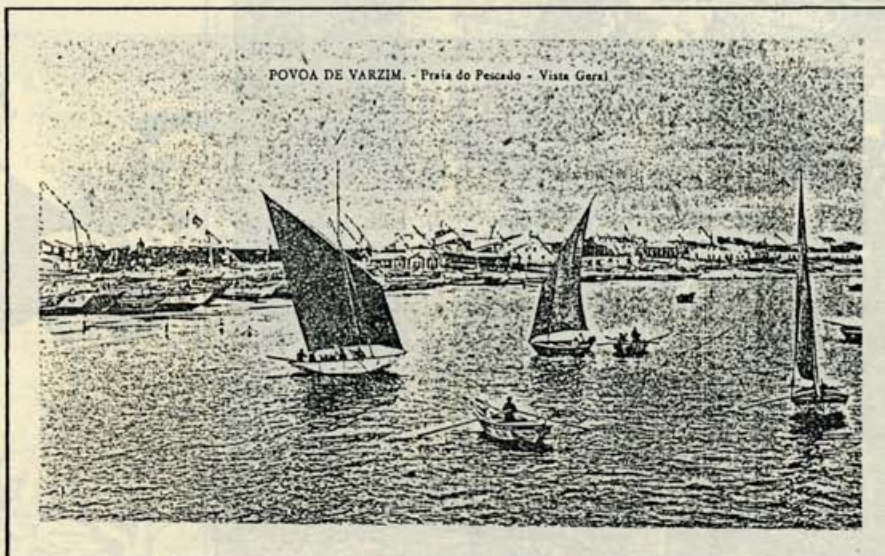
O mestre vai-os ouvindo silencioso. Por vezes, entra na discussão do tempo provável a fazer, com algumas pequenas observações, a que os mais velhos da companhia respondem com a sua experiência, citando alguns exemplos ocorridos com tempo semelhante.

Por fim, o mestre dá a abaixo. Despem-se, as (casacos), tiram-se libram o barco, e este ao meio do areal. Aqui, lado direito. Feito tripulantes vão a casa as rêdes. A mulher traz (quatro rêdes), e o o saco de roupa e os então a compôr a caça: vão-nas acamando no -as uns, pelos chumbeiros tiçada, enquanto ainda do (amarrando) as e aos boireis e atando outras, formando assim te serviço, vai-se para dentro do barco:

gas, mastro e rêmos. Os "pais de rapaz" trazem da fábrica os cabos e utensílios miúdos da embarcação. Pela pôpa fora fica o rabicho da verga para as mulheres ajudarem a lançar o barco à água. No largo da enseada, içá-se o pano e o barco toma o rumo da barra.

O Poveiro é um tabolão incorrigível, falando sempre muito e alto. É portanto no meio da mais formidável algazarra que se estimula e faz o mais pesado trabalho. Ouve-se de terra o seu vozear de trovão ao içar o pano. Mas quando o barco entra na barra, o silêncio é profundo. A barra tem sido a grande sepultura do Poveiro. É ali que através dos séculos ele tem tido as suas grandes lutas com o Mar, gloriosas sempre pela desigualdade, mas onde muitas vezes foi vencido. Aquele lençol de água cobre os heróis de muitas gerações. É ali a sepultura do avô, do pai e do filho...

O silêncio faz-se sem que ninguém o ordene e os barretes tiram-se da cabeça, maquinalmente. Uma única voz se levanta, a do Mestre: - "Um Padre Nosso pelos que morreram aqui!" As mãos erguem-se ou cruzam-se em recolhimento, e de todos os lábios baixinho se reza a oração. Novamente a mesma voz: - "Um Padre Nosso ao Senhor na Agonia que nos leve e nos traga a salvamento." Finda a reza destes dois Padre Nossos, voltam-se todos para a



ordem de "bota então, as bésti- os paus que equi- é empurrado até adornam-o para o este serviço, os buscar a cêsta e os dois quinhões homem traz a cêsta, boireis. Começa-se Abrem as rêdes e barco, apanhando e outros pela cor outros vão boçan- sineiras às rêdes as rêdes umas às a caça. Findo ês- buscar a madeira - léme, polé, ver-



igreja da sua padroeira e a mesma voz do Mestre volta a ouvir-se: -- "Uma Salvé-Rainha a Nossa Senhora da Lapa".  
Reza-se e volta-se ao silêncio.

Transposta a barra, revive a faina do trabalho num tabolar constante de efusiva camaradagem."

António dos Santos Graça - O Poveiro (1932)



A caminho  
do mar

Foto de Avelino Barros, ilustrando  
um artigo de Alfredo Guimarães -  
Os Poveiros, IN "Ilustração Portu-  
guesa", N.194, Lisboa, 8.Nov.1909,  
p.606



## CLUBE NAVAL POVOENSE

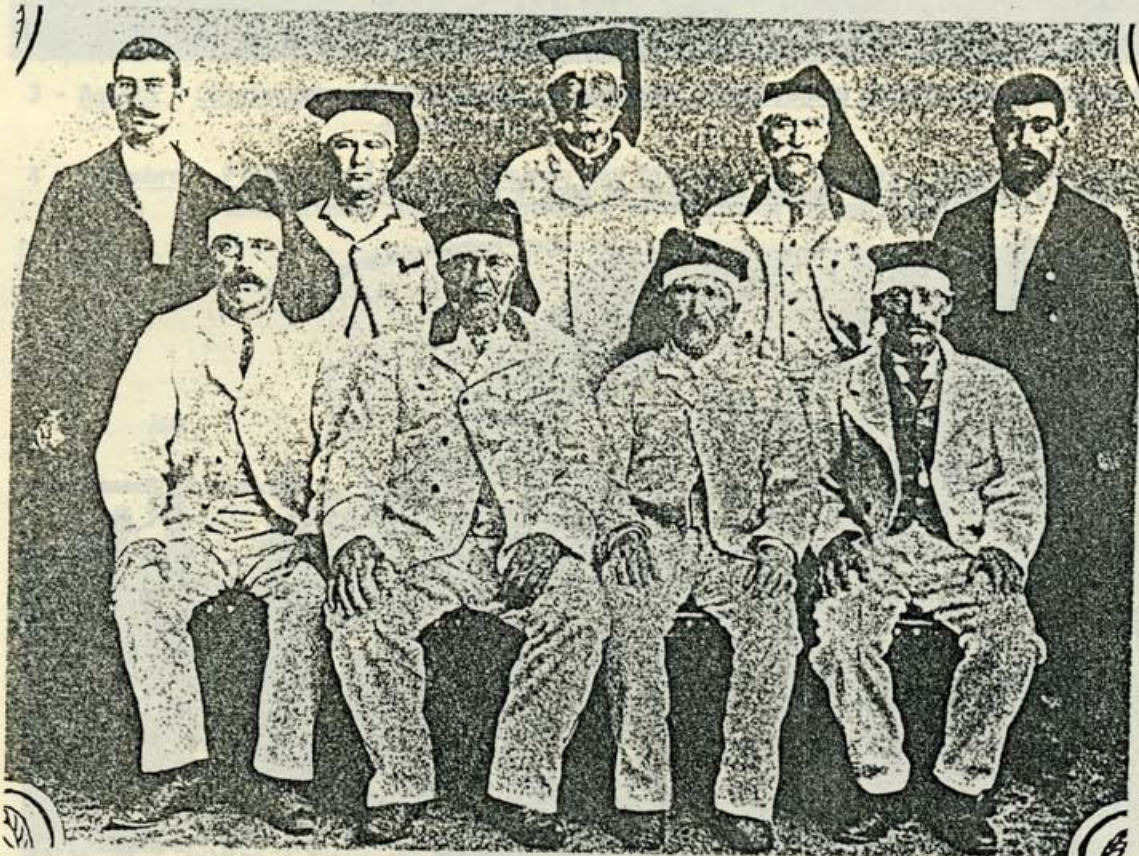
## OU O BAIRRISMO SEM FRONTEIRAS

Está por fazer a história das grandes contribuições do fecundo movimento associativo local no progresso material e espiritual da nossa terra. Neste contexto cabe ao Clube Naval Povoense um honroso e prestigiado papel.

Neste dia 15 de Setembro de 1991, o Lançamento à água da Lancha Poveira do Alto, traz-nos à lembrança um outro feito em que o Clube Naval demonstrou a sua extraordinária capacidade de aglutinação das vontades e dos sonhos de uma velha comunidade. Foi a sua participação nas Regatas de Cascais em Outubro de 1907.

"Todos os jornais da capital a elle se referiram com palavras de louvor para a Povoia, sendo unânimes os elogios ao barco poveiro pela forma como se apresentou e pela tripulação, que, em trajes typicos, o guarnecia. (...) Alguns povoenses desconhecedores do plano traçado pelo Club Naval ou mal intencionados, porque o patriotismo para alguns é uma ficção, tentaram, ao começo, de menosprezar o nobre intuito d'esse patriótico e laureado gremio que bem mais alto se ergue do que essas mesquinhas arremetidas que não poderão deter os que pelo bem da sua terra hão-de levar a cabo o programma do club custe o que custar."

A delegação poveira presente na festa marítima de Cascais era constituída por: António dos Santos Graça, director do "Commercio da Povoia de Varzim" e presidente do Clube Naval Povoense; Laurindo Marques de Oliveira, redactor do mesmo jornal; Paulo Barbada, 1.º comandante dos bombeiros voluntários; João Borges Trocado, tesoureiro do Clube Naval Povoense; Vicente Fernandes Noqueira, comerciante; Manuel Martins de Oliveira, estudante; Alvaro Branco, empregado comercial e Virgílio de Campos Marques.

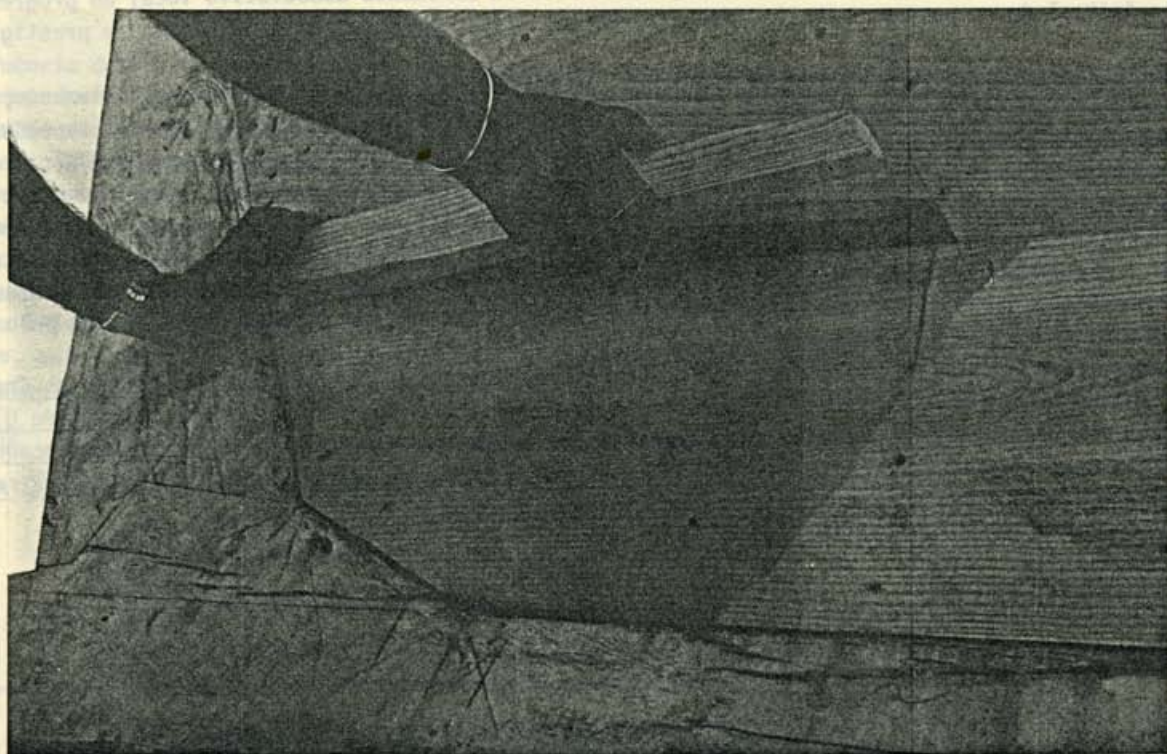


Tripulantes da Lancha de Pesca "Senhor N'Aqonia", que participaram nas Regatas de Cascais. Vestem o traje de representações oficiais (farda branca).

Reconhecem-se na fotografia, entre outros: Patrão Sérgio, Joaquim Francisco de Castro Lazer, arrais António Pinheiro, João Braga, Inácio Pimpão...



# OS TRABALHOS



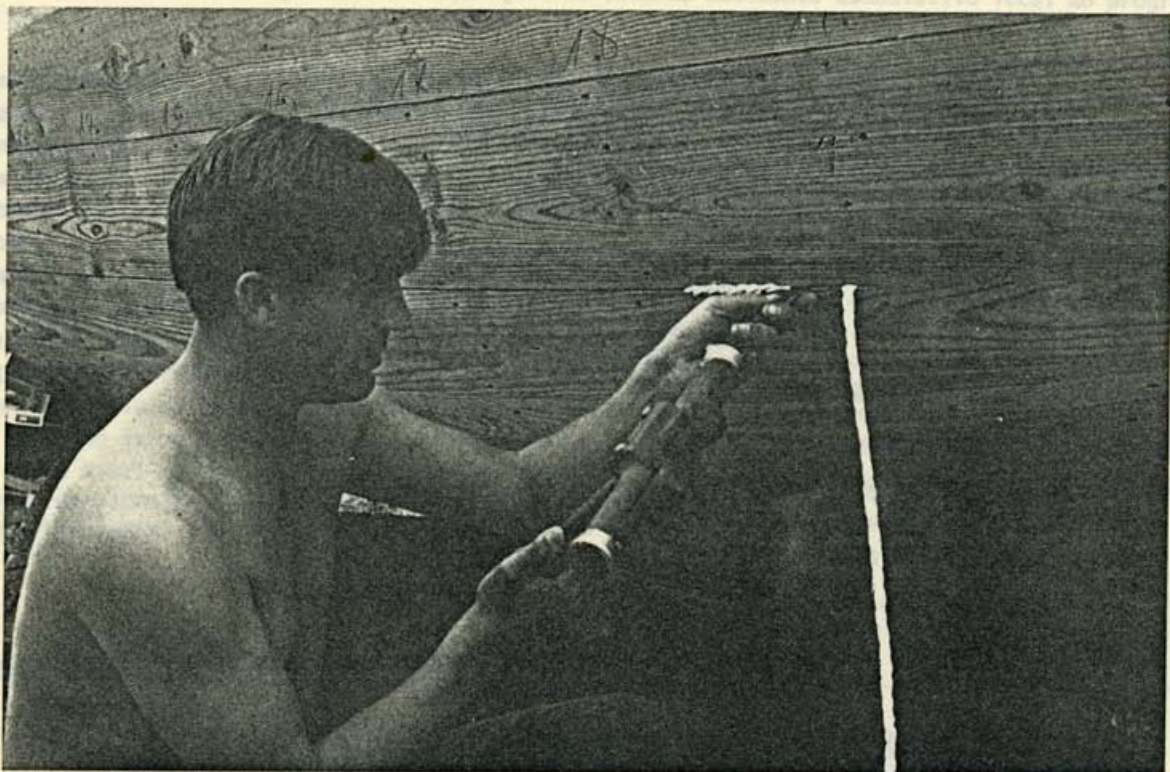
1 - Junho / Colocação da tinqa, à ré, por cima da tábua de resbordo

2 - Julho / Fechamento da lancha da tábua de boca à do resbordo



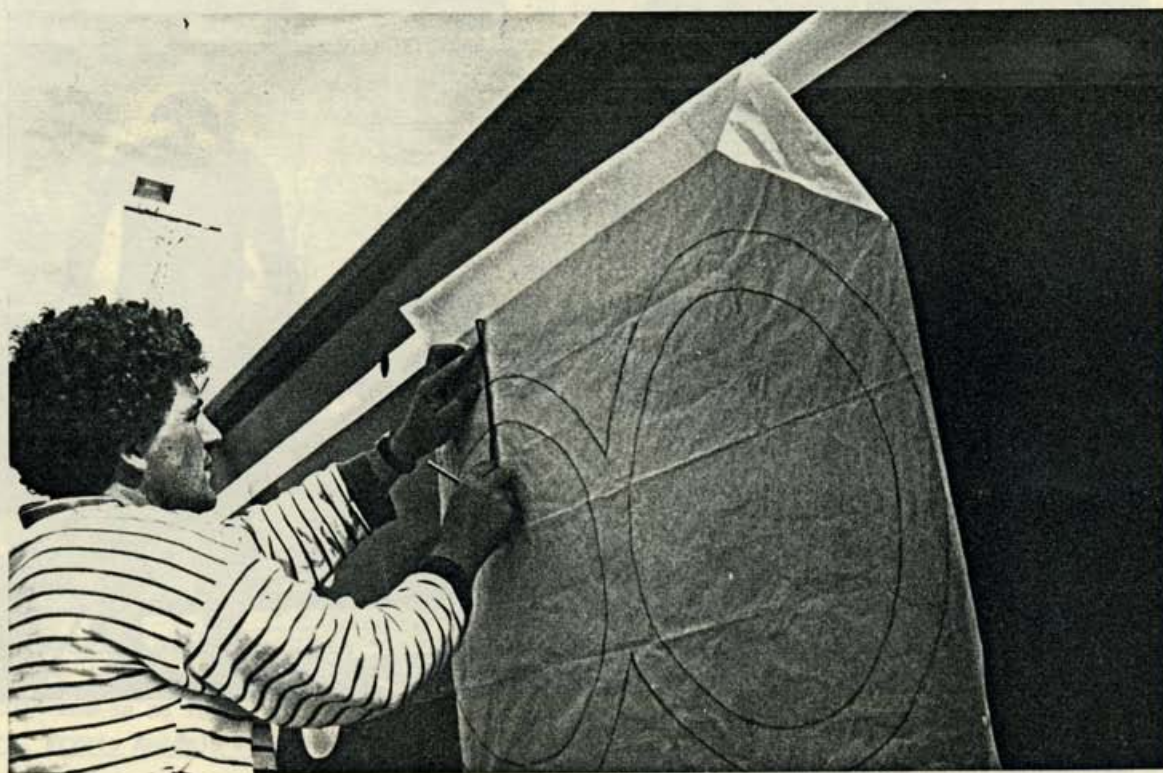


# E OS DIAS



3 - Agosto - Calafetagem - introdução do calafeto (algodão) nas juntas exteriores do casco da embarcação.

4 - Setembro - Pintura da Lancha / Desenho das Divisas - os "óculos", espécie de alfas desencontrados que enquadravam a invocação da "Fé em Deus"





# ALGUNS ASPECTOS DA SOBREVIVÊNCIA DA TÉCNICA DE CONSTRUÇÃO NAVAL DO SÉCULO XVI ENTRE OS CONSTRUTORES POVEIROS

continuação

## A SOBREVIVÊNCIA DA TERMINOLOGIA

A influência dos construtores navais estrangeiros que no século XVIII dirigiam os nossos estaleiros não foi suficiente para eliminar toda a terminologia tradicional, como é natural, mas alguma que por esse facto desapareceu desses estaleiros permaneceu entre os pequenos construtores ribeirinhos e do litoral. Certa parte da terminologia perdeu-se com a evolução morfológica do navio e é exemplo frizante deste caso o termo "arpa do castelo", tantas vezes citado nos documentos do século XVI e XVII, mas que não figura em qualquer vocabulário ou dicionário, desde os meados do século XVII.

Se bem que não se possa dizer que o Mestre Poveiro conservou exclusivamente certos termos da construção naval do século XVI, o certo é que usa alguns, já desaparecidos dos documentos mais modernos, com significado idêntico ou muito próximo do antigo, por vezes com a forma que resulta da natural evolução do vocábulo. Citamos, entr outros, os seguintes, colocando em primeiro lugar o termo poveiro. Nem todos desapareceram da terminologia do navio de madeira.

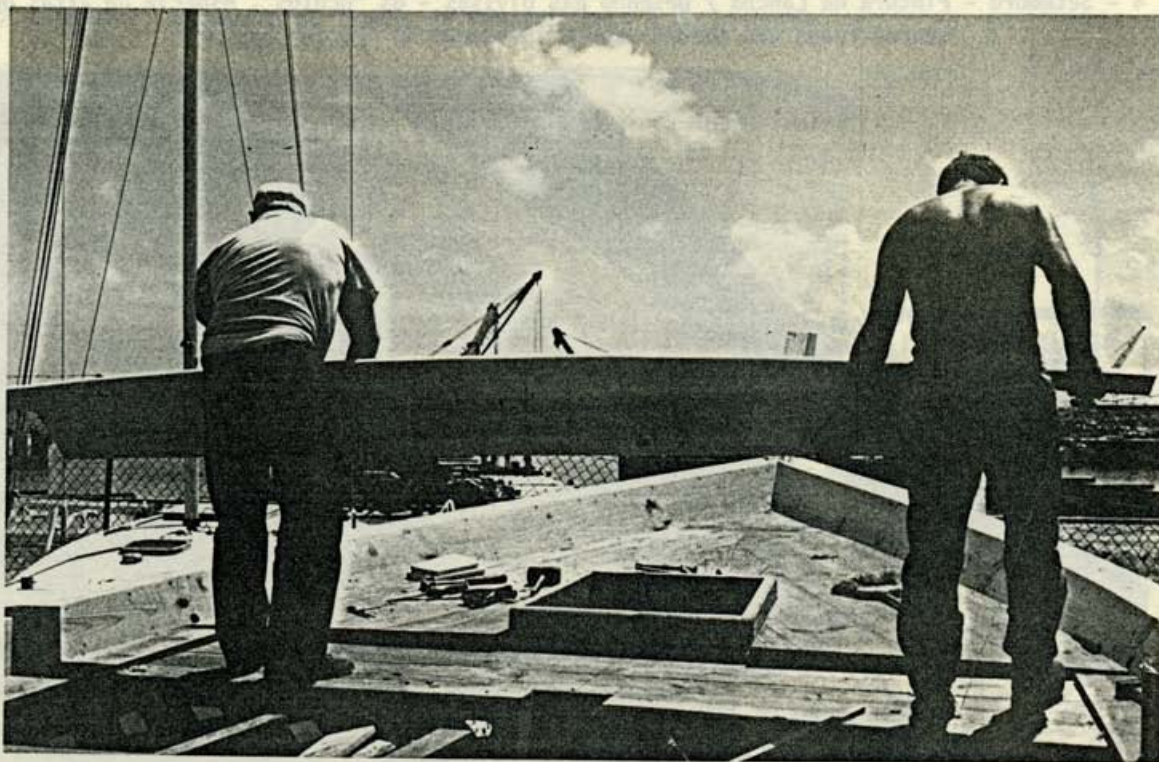
**ACATRATE** - remate superior das bordas

**ALCATRATE** - parece também aplicar-se à tábua que por cima rematava a borda, mas somente no castelo de proa, cuja mareagem encurvava, com a concavidade para cima; esta aplicação está mais de acordo com o étimo árabe (L.Nautico, L. de Traças).

**ALBOI** - em Buarcos: ecotilha do batel.

**ALBOI** - local à altura dos escovéns, onde o mestre de viagem (mestre do alboi) levava as amarras e demais massame de sobrecelente (Marcos de Aguilar).

Nota: em Buarcos, a parte tomou o nome de todo.



- colocação do albacus da Lancha Poveira (Junho, 1991)



- ALBAÇUZ** - travessas que guarnecem os leitos de proa e de popa do barco poveiro, de modo que a água que neles entre não passe ao interior do barco.
- ALBASUS** - "... e de sobre banco alata farão hum albasus com taboas tapado, e calafetado que não na agoa abaixo ao paiol que estão do bāco p.<sup>a</sup> re... (L. de Traças, Galé de 24 remos).  
"... e do Castello pera dentro o seu albasus que não chegue acuberta que vem correndo do conves." (L. de Traças, Navio de 500 toneladas).

**Nota:** O Poveiro usa o termo na acepção do século XVI. Nos dicionários do século passado e actuais, o termo designa um pequeno paiol à popa ou à proa, para cabos, poleama, etc. Compare-se com alboi.

- CACHOLA**  
(do Teme) - a cabeça, onde encaixa a cana.

- CACHOLA**  
(do mastro) - um dos quatro modos de laborar as ostagas das vergas, usado nos mastros sem calcês (mesena) e nos masteréus; constava dum cunho fixado ao mastro, por baixo dos vaus, a uma e outra banda, com caixa e roda por onde corre a ostaga (L. Nautico, Marcos de Aguiar).

**Nota:** O termo, em qualquer dos casos, está relacionado com o topo ou cabeça da peça.

- CAPELO** - extremidade livre da roda de proa e do cadaste.

- CAPELO** - o topo da roda de proa (Lavanha).

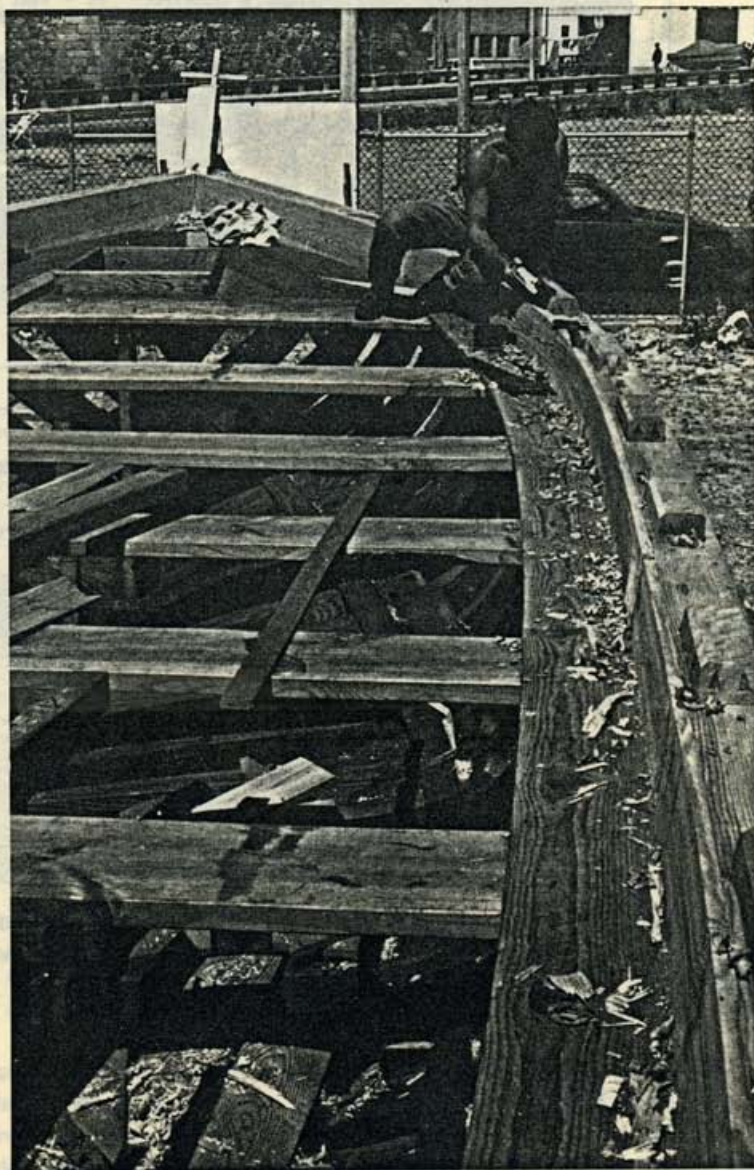
- CHAMACEIRA** - peças em que trabalham os remos.

- CHUMACEIRA**  
(da amura) - comprida peça, à ré da arpa do castelo (L. de Traças). Parece tratar-se duma peça de apoio.

- CHUMACEIRA**  
(do cadaste)

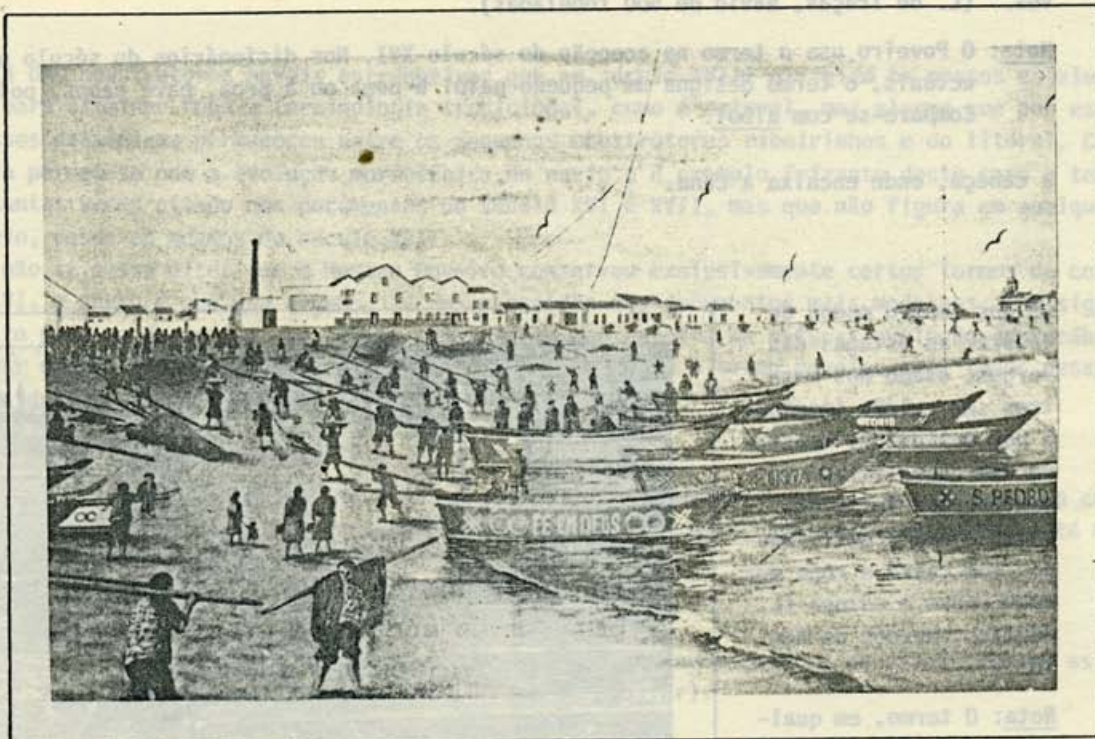
- engrossamento do cadaste, no local onde emmo-cam os pés mancos (Lavanha).

**Nota:** Em todas estas acepções, o termo tem o significado geral de parte de apoio.



**Colocação e aparagem das "chamaceiras", onde trabalham os remos da lancha (Junho, 1991)**





António Baptista (1913-1987), Pintor poveiro marcado por uma viva paixão pelas cousas do mar, que soube respirar ao longo de uma vida balizada entre as ruas dos Favais e de António Silveira. O seu conhecimento estético oscila, de forma curiosa, entre o erudito e o "naif", intuindo universos pictóricos onde a paisagem humana é predominante.

Pelo seu singular valor documental e iconográfico, bom seria que se fizesse um inventário, descritivo e de localização, dos trabalhos que produziu e se encontram dispersos pelos mais variados lugares.

- 4 - António Baptista - Enseada do Porto de Pesca, óleo sobre madeira (1980), col. particular, vendo-se no primeiro plano uma figuração pessoal da Lancha "Fé em Deus", evidenciando a habitual dificuldade em memorizar visualmente as "divisas" reais da embarcação.

### NOTÍCIAS DA LANCHIA

Propriedade: Clube Naval Povoense / Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim

Redacção: Museu Mun.Etn.Hist.P.Varzim, Rua do Visconde, tel.622200 - 4490 Póvoa de Varzim

Serviço de Documentação e Composição: Bibl.Mun."Rocha Peixoto", Praça Lufs de Camões, 15, tel.684340 -

4490 Póvoa de Varzim